

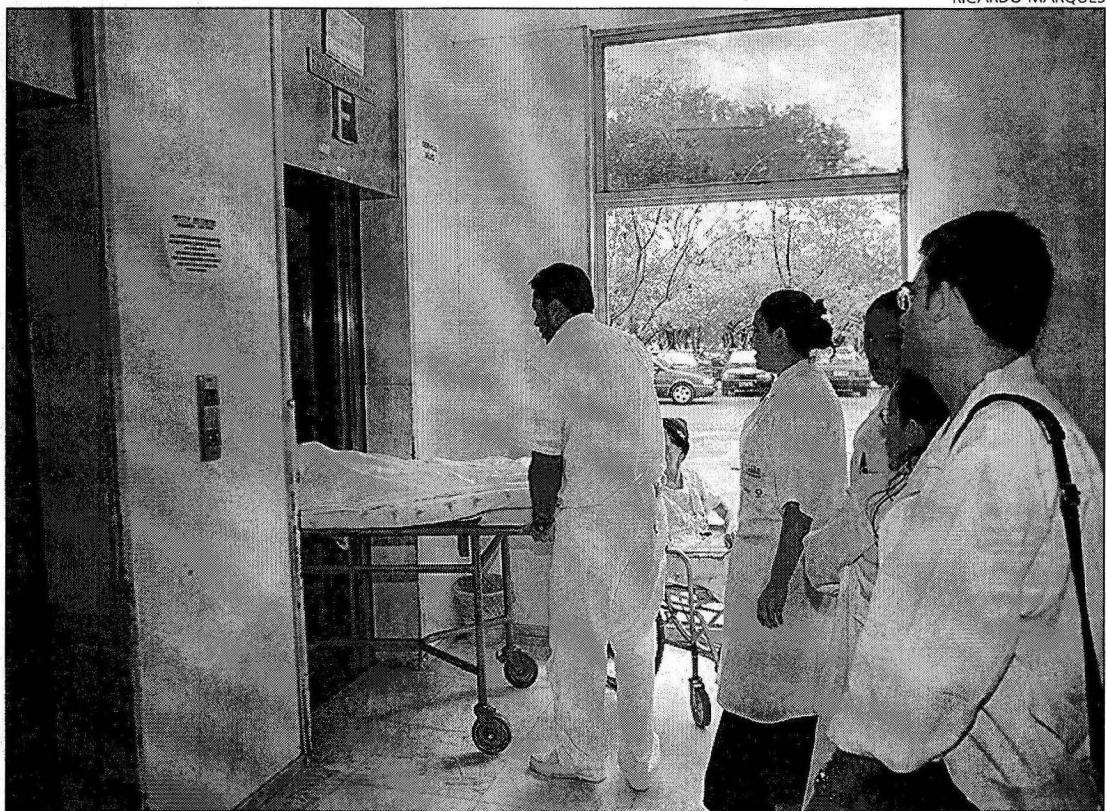
Perigo de infecção sobe pelo elevador no HBDF

COM DUAS MÁQUINAS EMPERRADAS, LIXO, PACIENTES, ROUPA SUJA E VISITANTES USAM ELEVADORES DE SERVIÇO

Desde novembro do ano passado, os seis elevadores do Bloco de Internação do Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF) vêm apresentando problemas. Os dois elevadores sociais estão quebrados e os outros quatro – dois de serviço limpo e dois de serviço sujo – se revezam no transporte de pacientes, medicamentos, roupa suja, visitantes e lixo. Isso quando estão funcionando.

O maior hospital público do DF dispõe de 850 leitos e atende 42 mil pacientes por mês. Os quatro mil funcionários, entre eles 750 médicos, são os que mais reclamam das condições precárias em que o HBDF funciona.

Segundo médicos ali lotados, o transporte de pacientes em elevador de serviço aumenta o risco de infecção hospitalar. E a espera, que pode chegar a 25 minutos, atrasa exames, remoções, atendimentos e prejudica, principalmente, os que apresentam quadros patológicos mais graves.



PACIENTE no mesmo elevador usado para transportar lixo: risco maior de contaminação

O diretor do HBDF, Aluísio Toscano Franca, garante ter tomado providências quanto à situação dos elevadores. As máquinas, que funcionam desde a fundação do hospital, há 42 anos, esperam por novas peças, que devem vir de São Paulo, ainda sem data prevista.

Enquanto a peças não vêm, Franca procura amenizar os problemas. Controle de horário para subida e

descida da alimentação dos pacientes, diminuição das visitas e de cargas pesadas contribuem para o menor movimento dos elevadores.

"Nossa preocupação existe, mas o mais importante é o paciente ser atendido", explica o diretor, que garante não transportar pacientes e lixo juntos. "Nós sabemos que elevador é tão importante quanto comida ou oxigênio", conclui.

R\$ 2,2 milhões para reformas

O conserto de elevadores nos hospitais públicos está previsto no pacote de pequenas obras lançado na semana passada pelo governador Joaquim Roriz com o intuito de melhorar o atendimento na rede pública de saúde. As obras, que vão custar R\$ 2,2 milhões, deverão estar concluídas dentro de 20 dias.

As áreas de recepção serão modificadas para dar mais conforto ao paciente e dinamizar o atendimento. Para tanto, de acordo com o secretário de Saúde, Arnaldo Bernardino, serão contratados novos atendentes. Entre os serviços estão a pintura de paredes, consertos em portas, janelas e banheiros, reforma do piso e troca de chuveiros, que passarão a ter água quente. Bernardino diz que as reformas são parte de um esforço para dar cara nova ao sistema de saúde.

Tratamento fica prejudicado

As medidas tomadas pela direção não são o que o corpo médico do hospital vê na prática. Os pacientes e médicos do Bloco de Internação, que conta com 12 andares, sofrem com a falta dos elevadores.

"Os médicos estão angustiados porque não têm condições decentes de trabalho. Com isso, os pacientes são tratados sem humanidade nenhuma", reclama um gru-

po de médicos que esperava pelo elevador.

Entre as reclamações, ambulâncias sem equipamentos necessários para o transporte de pacientes, falta de material – como algodão, por exemplo – atraso na realização de exames, ausência de técnicos de laboratórios e falta de antibióticos.

"A gente tem que perguntar qual é o antibiótico

que está de plantão", brinca uma das médicas, que tem de subir nove andares todos os dias.

A Secretaria de Saúde não tem, por enquanto, a pretensão de instalar novos elevadores no hospital. O órgão aguarda, até o final dessa semana, uma resposta da empresa de manutenção Well sobre as peças a serem substituídas.